

## O BRASIL PEGA FOGO! O BOMBEIRO ESTÁ EQUIPADO PARA EVITÁ-LO?

Surpresa muito agradável a que me ocorreu quando em meio aos despachos rotineiros, me deparei com o ofício do Sr. Comandante da APM que tomo a liberdade de incluir neste artigo:

"Ao tomarmos conhecimento de seu artigo publicado no JORNAL DO BOMBEIRO, em anexo, despertou-nos o interesse de publicá-lo também na revista "O Alferes".

Em cumprimento às disposições da Res. Nr 1550, de 14MAI86, o artigo referido foi apreciado pelo Conselho Editorial, originando o parecer anexo.

Assim, tendo em vista a importância do tema e também a boa qualidade dos artigos de sua autoria já publicados em "O Alferes" Nr 03, 06, 10, 11 e 14, solicitamos mais esta colaboração em reescrever o artigo, adaptando-o à nova destinação e adequando-o no que for possível ao que consta no parecer do Conselho Editorial."

Foi muito comvente, realmente, o acontecido, tal qual um "pintar de luz verde" para mais uma largada. Eu que já pensava ter deixado a corrida. Só que esta é uma largada especial, a de uma corrida de duplo troféu. O primeiro, o do retorno a "O Alferes". O segundo, o de suscitar a memória da "Seção de Materiais" do extinto jornal "Bombeiro de Minas", em momento da maior importância.

O Conselho Editorial da revista "O Alferes" socita a "ampliação dos princípios táticos" abordados pelo artigo, a fim de que ele melhor se ajuste aos propósitos da revista. Na verdade, eu o escrevi, com o escopo de divulgar os nossos trabalhos de Quarta Seção do Estado Maior do CCB, numa fase de significativas transformações. Lamento não poder torná-lo de cunho doutrinário, de forma a melhor atender à avidéz cultural de "O Alferes". É que a doutrina, a despeito de incluir a teoria, imprescinde da aplicação prática, e o assunto que, por si só, já se imporia como imperativo lógico, proposto pelos próprios profissionais Bombeiros, não passou ainda do campo das idéias. Não recebeu ainda o "aprovo" das direções. Enfim, não foi colocado em prática.

Apesar de tudo, penso que ainda vale a pena colocar o tema em discussão, principalmente por ser esta a ocasião mais oportuna para tal: eis que coincide com o momento em que se noticia o reequipamento do Corpo de Bombeiros da PMMG, conforme está publicado no "Minas Gerais" de 06 de setembro de 1990. Portanto, com a devida vênia do Conselho Editorial, creio ser mais adequada a complementação do artigo explorando estes dois aspectos: os rumos tomados pelo plano abordado e o novo "pacote" de reequipamento do Bombeiro.

Primeiramente vejamos o artigo, tal qual saiu publicado no jornal "Bombeiros de Minas", e logo a seguir vamos abordar, primeiro, o que resultou da proposta constante da publicação e, em seguida, o anunciado pacote.

## O BRASIL PEGA FOGO! O BOMBEIRO ESTÁ EQUIPADO PARA EVITÁ-LO?

Mal acabou de se noticiar a "largada" desta Seção do Jornal do Bombeiro e já estou tendo de deixar a corrida. No entanto, deixo o carro na mais perfeita ordem para o próximo piloto, o B4 que me sucederá.

Como já estou falando de carro, vou aproveitar este meu artigo para informar justamente sobre carros. Mais especificamente, sobre o que se fez e como se desenvolveu o processo de aquisição de viaturas no Corpo de Bombeiros nesta gestão de três anos na busca da resposta ao maior questionamento da sociedade, que é a pergunta estampada no título deste artigo.

No início, na falta de normas internas específicas, na verdade não se sabia ao certo quantas e quais viaturas precisava possuir o Corpo de Bombeiros para o regular desempenho de sua missão, na Capital e nas frações interiorizadas. Sabe-se, no entanto, ser grande a carência. Também sabê-lo não era assim tão importante, pois que os recursos dos anos anteriores sempre vinham sendo insuficientes para a compra de viaturas.

O primeiro desafio foi, pois, apresentar ao Comando da Polícia Militar uma proposta para aquisição das viaturas mais imediatamente necessárias a fazer face aos encargos já assumidos, ainda que para execução a médio ou longo prazos. Evidentemente que a elaboração desse plano imprescindível da geração provisória de princípios táticos que definissem:

1º — Quantas e quais viaturas seriam necessárias a cada Unidade ou fração, segundo a classificação das cidades.

2º — Qual esquema tático operacional deveria ser adotado, para desenvolver os novos tipos de viaturas e seus equipamentos, a serem tornados como os necessários.

Na elaboração desses princípios sempre trabalhamos com comissões e grupos de trabalhos constituídos de Oficiais especialmente selecionados, para pesquisar, planejar, reformular e propor. Os resultados desses trabalhos foram surpreendentes. Não dá para discorrer sobre eles neste breve artigo, mas três pontos foram de fundamental importância:

- escalonamento das viaturas de salvamento
- conceito operacional de combate a incêndio
- racionalização do apoio imediato em equipamento

### a) Escalonamento das viaturas de salvamento.

Em função dos tipos de trabalhos a serem realizados, os Auto-Salvamentos foram escalonados em três categorias: Os leves (ASL), em chassis de camionete, para atendimento às ocorrências rotineiras de pequeno porte. Os médios (ASM), em chassis de caminhão leve, para atendimento a casos especiais e de maior gravidade. Os pesados (ASP), em chassis ainda em estudo, para operações conjugadas de incêndio e salvamento.

Para as três espécies foram definidas as listas de equipamentos de suas cargas e desenvolvidos projetos de acondicionamento desses equipamentos nas carrocerias das viaturas. Estão recém-chegadas da fábrica as duas primeiras unidades de ASM.

### b) Conceito operacional de combate a incêndio

Basicamente este conceito se fundamenta no emprego tático das viaturas. Em uma operação de combate a incêndio, para que o ataque possa ocorrer adequada e ininterruptamente, há que se assegurar três atividades simultâneas: o lançamento da água, o abastecimento de água e a reserva de água.

Até então, vinha o Corpo de Bombeiros utilizando para esse trabalho os seguintes tipos de viaturas: para lançar água nos incêndios os Auto-Bombas (AB) de me-

nor poder de combate, ou seja, de 500 galões por minuto (500 GPM) de vazão. No transporte de água, utiliza Auto-Tanques (AT) de especificação inadequada, visto que suas bombas são da mesma categoria dos AB. Portanto, são meras Auto-Bombas com maior volume de água e, por isto mesmo, têm sido empregados indevidamente com profundos prejuízos para o resultado das ações. No armazenamento de água no local dos incêndios, vem contando com duas jamantas, de 18.000 litros, carro que além de caro é também impróprio ao tráfego urbano e de difícil e até impossível manobra nos locais de incêndios. Tanto assim que, na prática, elas têm ficado desativadas, enfeitando as garagens dos GI.

Em decorrência desse esquema falho, criou-se o hábito de as viaturas de incêndios indistintamente, AB ou AT, se estabelecerem no local e dar combate enquanto tinham água nos seus tanques. Quando estes se esgotam, interrompem o combate para sair à procura de abastecimento. Muitas vezes, no seu retorno já encontram o incêndio incontrolável ou já consumado. Daí ser comum a imprensa noticiar que o Bombeiro lutou bravamente, mas "faltou água".

Sabemos que água não falta, o que falta é esquema para levá-la ao incêndio. Por isto o novo esquema se funda nos seguintes pontos:

- Auto-Bombas escalonados em três níveis de poder de combate: 500, 750 e 1000 GPM
- Auto-Tanques de grande vazão e pequena pressão, para se abastecerem e se descarregarem em instantes, e não serem utilizados em trabalho de ataque, mas tão somente de transporte de água.
- Eliminação da Jamanta através da adoção de um reservatório portátil para 10.000 litros transportados nos AT; eles serão deixados no local do incêndio, acoplados ininterruptamente nos AB e abastecidos continuamente pelos AT.

Reportando-me ao título deste artigo, diria que este sistema pode resultar na solução para o grave e crônico problema do incêndio florestal. Em rápidas pinceladas, o esquema pode ser assim concebido: demarca-se na Carta do Plano de Operações o ponto de abastecimento, que será o ponto mais próximo do incêndio a que os AT possam chegar. Neste ponto são deixados os primeiros reservatórios nos quais se acoplarão moto-bombas portáteis de combate. Na medida da progressão do incêndio, outros reservatórios serão instalados à frente com suas moto-bombas e respectivos estabelecimentos de combate, na linha de propagação, abastecidos pelos reservatórios iniciais ou de retaguarda. A operação se traduz em um desdobramento no terreno, a exemplo de uma operação de guerra, onde o inimigo — o fogo — estará em situação de inferioridade e será fatalmente dominado. A progressão se fará com o recolhimento e armação de linhas de combate, o que os nossos Bombeiros muito bem sabem fazer.

#### c) Racionalização do apoio imediato em equipamento

Um dos problemas enfrentados nas grandes e médias operações é o apoio em equipamentos necessários aos trabalhos mas não conduzidos pelas viaturas regulares. Esse material deve ser deslocado na quantidade e rapidez exigidas pelo sucesso da operação.

A solução encontrada para esta necessidade está no Auto-Transporte de Materiais (ATM). Consiste de uma viatura-plataforma com guindaste e de containers (caixas) com equipamentos, devidamente relacionados e organizados por espécies de operações. Os containers ficarão prontos para emprego no Quartel e serão içados e transportados pelo ATM que os deixa no local, ficando liberado logo para novas missões.

Esta viatura também está incluída no próximo processo de licitação, tendo sido já desenvolvidas as seguintes unidades de equipamentos:

- UGE: Unidade Geradora de Eletricidade
- UII: Unidade de Iluminação e Instalações
- USA: Unidade de Salvamento Aquático
- UPI: Unidade de Proteção Individual
- UCR: Unidade de Corte e Remoção
- UTF: Unidade de Tração e Força
- UCI: Unidade de Combate a Incêndio
- ULI: Unidade de Combate a Incêndio em Líquidos Inflamáveis

Todos estes empreendimentos virão a ser executados em um futuro próximo e o leitor certamente deles saberá, através dessa seção do "Jornal do Bombeiro" que, a partir do próximo número, já estará a cargo do meu sucessor.

ARIBALDO ALVES DE FARIA,  
TEN CEL PM

Pois bem, hoje, após aquela arrancada, o quadro de situação é o seguinte:

a) Quanto aos Auto-Salvamentos, ficamos mesmo somente com os dois ASM (médios) adquiridos. Nem mesmo os ASP (os pesados), que apresentam falhas de montagem, tiveram suas especificações reformuladas. Também os ASL (leves) continuam nas mesmas camionetes de antes, sem montagem especial para acondicionamento apropriado dos equipamentos para os deslocamentos. Mesmo as poucas Unidades que foram adquiridas não observam as especificações projetadas.

b) Na linha das viaturas de Combate a Incêndio, temos que analisar os fatos por partes:

- Os Auto-Bombas (AB)

Conseguimos, através do processo de aquisição já mencionado, adquirir uma unidade de 750 e uma de 1000 GPM. São viaturas de grandes vazões e, conseqüentemente, de maior recurso operacional; deveriam ser deixadas de reserva, preservadas para os grandes incêndios. Deveriam. Mas na prática, em virtude da profunda carência de viaturas, elas são usadas indistintamente, como um auto-bomba comum, até em caso de fogo em lote vago. Dois problemas decorrem desse uso indiscriminado: poderão estar indisponíveis no exato momento de seu real emprego tático, e o pessoal tem desvirtuado seu preparo tático sobre o uso das viaturas.

- Os Auto-Tanques (AT)

Através do então processo, conseguiu-se adquirir várias unidades novas. No entanto, foram todos entregues com a mesma especificação dos auto-bombas, com exceção da capacidade do tanque que foi para 7.000 litros, a despeito de ter constado do projeto a nova especificação. Portanto, o princípio tático da "rapidez de abastecimento" ainda não foi alcançado. E ainda continua sendo desvirtuado o emprego dos AT, muitas vezes operando em lugar dos AB.

- Jamantas X Reservatórios Portáteis

Não houve nenhuma aquisição de Jamanta. Quanto aos reservatórios, foram especificados, colocados em processo de licitação, como equipamento dos AT, incluídos no processo, mas por injunções de ordem administrativa não chegaram a ser adquiridos.

No período em que comandi o 2º GI conseguimos construir um protótipo; colocamo-lo em experiência, tendo demonstrado um resultado satisfatório de operacionalidade. Chegou a ser exibido em exposição durante a Semana de Prevenção em 1989, tendo sido visto por diversas autoridades, inclusive o Sr Governador do Estado. Ficou apenas nisto. Nenhuma iniciativa mais no sentido de incrementar o seu uso. Temos no momento, um projeto no 1º GI para adotá-lo em um esquema tático de combate a incêndio planejado para a cidade de Ouro Preto. É o dispositivo ideal para aquela situação, pois elimina o emprego das viaturas pesadas, inviáveis naquele tipo de cidade. Estamos pleiteando a aquisição, através da CEDEC—MG.

c) Finalmente, quanto à questão do apoio em equipamentos, as pretensões não passaram do projeto.

O sonhado Auto-Transporte de Materiais (ATM) infelizmente não compõe a nossa frota e em decorrência disso nossas reservas, também chamadas de Salas de Meios ou Seções de Apoio Operacional, continuam mais como Almoarifado, com plantão e tudo, do que como reserva racional para um apoio imediato.

Ainda durante a minha gestão na 4ª Seção do EM/CCB, chegamos a desenvolver um projeto da viatura e de seus "containers" e equipamentos, conjuntamente com uma equipe de engenheiros de uma conceituada empresa de São Paulo. O projeto é viável, no entanto, mais uma vez faltou o essencial, a vontade, a determinação, o arrebatamento da idéia para dentro de uma política de ação. Sem esse fator não se gera doutrina.

Agora, o outro lado da questão.

Ainda enquanto eu exercia a função de B/4—CCB, tramitou por aquela Seção uma proposta de uma firma estrangeira para aquisição de um grande número de viaturas, notadamente Auto-Escadas Mecânicas e Auto-Plataformas Elevatórias de grandes alturas.

Tive a oportunidade de emitir o meu parecer contrário à efetivação da transação. Fi-lo, dentro outros, pelo menos por dois motivos fundamentais:

— Trata-se de um pacote. Estarão nos vendendo o que querem nos vender e não o que queremos comprar. Diga-se de passagem, por sinal, que antes de enchermos nossas garagens de máquinas monstruosas, sofisticadas, de emprego raro e de operação especializada, deveríamos, antes, preencher as nossas profundas carências em viaturas de trabalho cotidiano Auto-Bombas, Auto-Tanques, Auto-Salvamentos das três linhas, Auto-Patrolha de Prevenção, Auto-Transporte de Materiais, dispositivos portáteis de operação como reservatórios, moto-bombas, unidades geradoras, etc. É como querer passar a caviar sem ter nem mesmo feijão e arroz.

— O pacote importa um compromisso da ordem dos 24 milhões de dólares. É dinheiro para comprometer os recursos do Bombeiro por uma década. Presume-se, logicamente, a julgar pelas dificuldades costumeiras, que por todo esse tempo não haverá de sobrar recursos nem mesmo para a manutenção dos poucos equipamentos de que ainda dispomos, prestes a se tornarem obsoletos. Em outras palavras, vamos poder nos dar ao luxo de ostentar belíssimos exemplares de poderio e não vamos poder operacioná-los. Deus queira que eu esteja enganado, mas vejo nisto o caos.

O projeto foi apresentado pela firma Oy Bronto Skylift, da Finlândia, cujo financiamento, através da Union Bank of Finland, já foi autorizado pela Assembléia Legislativa do Estado em dezembro de 1989. No dia seis de setembro deste ano, o Sr. Governador de Minas Gerais recebeu a comissão mista PM — Empresa e autorizou a elaboração do projeto de importação. O projeto monta em US\$ 24.15 milhões, financiados em cinco anos, através do qual propõe-se a aquisição, dentre outros equipamentos, de 18 plataformas elevatórias de 68 metros de altura. Para se ter uma idéia, o Bombeiro de São Paulo tem uma dessas máquinas e das pouquíssimas vezes em que ela sai para atender ocorrência,

na maioria delas fica emperrada na rua por problemas de operação. Tive a oportunidade de testemunhar o arrependimento de vários Oficiais daquela Corporação por tão oneroso engenho, que nem na Europa comumente se vê.

No momento o projeto encontra-se em estudo no CCB. Pode ser que no momento em que este número de "O Alferes" sair do prelo, tudo já esteja consumado. Nós que amamos tanto este Bombeiro ficamos torcendo para que venha o melhor.